

Pensar/Classificar – Georges Perec*

Think/Classify – Georges Perec

Aline Leal Fernandes Barbosa¹
Anne Louise Dias²

RESUMO: Tradução para o português de “Penser/Classer”, texto de Georges Perec publicado em uma coletânea homônima de ensaios. Neste texto póstumo, de 1985, o autor demonstra seu interesse em percorrer o universo e sua multiplicidade, examinando seus possíveis laços, sondando e questionando um possível princípio organizador das coisas. A reflexão acerca do gosto pelas classificações e do furor de organização que parece tomar a humanidade desde o começo dos tempos está no centro de “Penser/Classer”, na operação de perturbar as convenções das hierarquias sensíveis e estabelecidas, conferindo aos seres e às coisas uma densidade imprevista que perturba e surpreende.

PALAVRAS-CHAVE: Georges Perec. Pensar. Classificar. Tradução.

ABSTRACT: Translation into Portuguese of “Penser/Classer”, text by Georges Perec published in a collection of essays of the same name. In this posthumous text from 1985, the author demonstrates his interest in exploring the universe and its multiplicity, examining its possible links, probing and questioning a possible organizing principle of things. The reflection on the taste for classifications and the organizational frenzy that seems to grip humanity since the beginning of time is at the center of “Penser/Classer”, in the operation of disturbing the conventions of sensitive and established hierarchies, which gives beings and things an unforeseen density that disturbs and surprises.

KEYWORDS: Georges Perec. Think. Classify. Translation.

¹ Pesquisadora de pós-doutorado (PNPD/CAPES) vinculada ao programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Mestre e doutora pelo mesmo programa. Membro do grupo de pesquisa *Práticas artísticas e conceituais do arquivo: insurgência, reapropriação e invenção no contemporâneo* (CNPq). Professora Adjunta Substituta da Escola de Letras da Unirio. E-mail: alinelfbarbosa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5488-0654>.

² Professora Adjunta pelo Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), na Universidade de Brasília. Doutora em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Literatura – PósLit – da Universidade de Brasília (UnB). Membro do grupo de pesquisa *Fitopoéticas* e da *Rede Jovem DF*. Email: dias.anne@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0060-7788>.

*Artigo recebido em 11 de outubro de 2023 e aceito para publicação em 30 de novembro de 2023.



Ao discorrer sobre as conexões que surgem durante o ato de pensar, Georges Perec expõe a estranha errância que ali se desvela. Estranha, pois o pensar o leva às afinidades mais inesperadas: qual intimidade existe entre um jogo da velha e os nomes das ruas de Londres? Ou entre a escritora japonesa do século X Sei Shōnagon e Raymond Queneau, escritor, poeta e colega oulipiano? A resposta à pergunta não é óbvia e Perec então fala de instinto, tentativa e erro ou ainda de hesitação e flutuação. A agitação descrita pelo autor na busca de responder a suas inquietações assemelha-se, em muito, à tentativa de tradução de seus textos – a qual nos lançamos aqui. A operação da tradução também passa por essas hesitações, também percorre as longas listas de palavras no intuito de encontrar a expressão acertada, a mais justa, a mais fiel. A dificuldade de traduzir um texto como o de Perec, testemunhada por tantos outros que também se lançaram a esse desafio de felicidade, talvez amenize o espanto que nos tomou ao descobrirmos que “Penser/Classer”, publicado postumamente em 1985, ainda não havia sido vertido à língua portuguesa. Com pequenas variações nos ensaios que compõem a coletânea, a obra de Perec já havia sido traduzida para o espanhol (1986), para o italiano (1989) e, na versão em inglês, “Penser/Classer” aparece em *Species of spaces and other pieces*, publicado, em 1997, pela editora Penguin.

No “Posfácio” de *O Sumiço, Zéfere, seu tradutor, brinca que se lembra “de ter achado uma loucura alguém tentar traduzir Perec, tamanha a complexidade de sua escrita” (ZÉFERE apud PEREC, 2015, p. 242), lembrete de que os obstáculos para a tradução de um texto de um dos integrantes mais expressivos do movimento literário Oulipo podem aparecer já no título, como é o caso do texto citado por Zéfere, *Espèces d’espaces*, ou mesmo no próprio *La Disparition*, construído na ausência da letra “e” e que desautoriza, portanto, o pragmático *O Desaparecimento*. Se, por um lado, a tradução do par “pensar/classificar” (*penser/classer*), presente no nome do ensaio aqui escolhido, não suscita nenhum dilema, por outro, é bem verdade que suas aparições ao longo do texto impõem certos entraves, certas pausas. Em trocadilhos fonéticos, *classer* (classificar) toma forma de *chasser* (caçar) e mais à frente o par se metamorfoseia em *passer* (passar)/*clamsier* (bater as botas) e nas expressões *clapet sensé* (válvula sensorizada) e *quand c’est placé* (quando está colocado). Nestes casos, a tradução se guiou pelo ouvido e adotou a sonoridade como eixo central; assim, ficamos com “passar/qualificar”, “pensão alimentar” e “ponha-se em seu lugar”, tentando, ao mesmo tempo, respeitar a rima em “ar” e manter o “p” no início da primeira palavra:*



« <i>Penser/classer</i> », par exemple, me fait penser à « <i>passer/clamser</i> », ou bien à « <i>clapet sensé</i> » ou encore à « <i>quand c'est placé</i> ». Est-ce que cela s'appelle « <i>penser</i> » ?	"Pensar/classificar", por exemplo, me faz pensar em "passar/qualificar" ou mesmo em "pensão alimentar" ou ainda em "ponha-se em seu lugar". É isso a que chamamos pensar?
---	---

Nesse parágrafo, a capacidade artística e a criatividade de Perec ao manusear a língua se revelam, se evidenciam e assombam, em alguma medida, pois se projetam para os deslimites da linguagem. O jogo homofônico demonstra tanto a habilidade técnica de Perec, quanto sua vontade pela experimentação. Não há, na verdade, resposta exata para a tradução do trecho e poderíamos certamente criar um pequeno catálogo das tentativas. O convite ao tradutor é claro e, no entanto, espinhoso: é preciso abrir mão, ou melhor, é preciso tomar as rédeas do texto, não para domá-lo, mas para melhor entendê-lo em suas minúcias, repertoriar esses pontos sensíveis e aprender a jogar com o texto na mesma medida em que ele se revela jocoso.

Isso porque aquilo que organiza uma língua – ou que a língua organiza –, o seu sistema classificatório, de maneira muito rápida e insuspeita pode tender a uma vertigem taxonômica, em que seus usuários se arriscam a tombar. Quando nos damos conta de que as seções do ensaio não seguem a sequência das letras do alfabeto, mas aquela de um capítulo do livro *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, imediatamente percebemos que, se as ordens nos obrigam a andar na linha – quando haveria muitos caminhos a explorar – a sua ausência pode nos fazer sentir algo abandonados, a vagar sem mapa por rotas imprevistas.

De fato, traduzir "Penser/classer" é estar em confronto com os eternos debates da tradução: privilegiar a forma, o sentido ou a sonoridade do texto? Daí o peso da escolha do tradutor, nossas escolhas. Neste processo, uma das perguntas que acompanhou o trabalho foi: qual é a língua do texto traduzido? A língua como fundamento do pensar e do classificar assim produzindo uma escrita. O ensaio fala de um inventário composto por substantivos masculinos que se tornam femininos no plural – como é o caso de *amours, délices, orgues* – cuja ausência de correspondência no português nos levou a decidir pela permanência das palavras francesas. Além disso, menciona as seis vogais do alfabeto (a língua francesa inclui o y como vogal), promove assonâncias, aliterações, jogos de palavras que seriam impossíveis de reproduzir, numa tradução literal, conservando a astúcia como paradigma de escrita e de leitura que o autor propõe. A língua de fundo do texto da tradução oscila, portanto, entre o português – e aí optamos pelo risco de, man-



tendo o texto distante do sentido original, mantê-lo próximo da brincadeira sintático-semântica de encaixe, desencaixe e, em última medida, atropelo – e o francês, quando as transposições não encontravam solo comum em que se relacionar. Na seção “As hierarquias”, que discorre a respeito das posições hierárquicas nas linhas de comando, Perec oferece um trocadilho que a nós pareceu impossível de transpor: “*sous-fifre*”, expressão que designa subalterno, subordinado, secundário em sua profissão, que carrega em si “*fifre*” – corruptela de termo alemão que, no francês, quer dizer pífano. Estão aí as surpresas com que as palavras nos brindam se passarmos tempo suficiente com elas. Entre as possíveis soluções, pensamos em usar a expressão “quem apita”, em referência ao juiz de futebol de uma partida, para falar de quem manda e quem obedece, logo abandonada para fazer prevalecer o prefixo “sub” que insere os indivíduos em uma posição mais ou menos elevada na escala administrativa. O termo “*rondeflanesque*”, neologismo perequiano que aparece na seção “Borges e os chineses”, foi por nós traduzido por “rocambolesca”, focalizando a semelhança material e fonética. E a interjeição “*Ventre Saint-gris*”, por se manifestar em uma situação bastante específica – a do reinado de Henrique IV –, manteve-se como no original.

A rede das relações entre as coisas se abre também ao intertexto em “Penser/Classer”, e Perec encontra em outros escritores outros sistemas classificatórios. Alguns oulipianos são mencionados por Perec: é assim que ressurgem Italo Calvino, com *Se um viajante numa noite de inverno*, provavelmente o oulipiano mais traduzido e comentado no Brasil, com uma produção que ultrapassa em muito o movimento literário. Aparecem ainda *Le dimanche de la vie* [Domingo da vida], título de Raymond Queneau, e uma referência a Harry Mathews, único escritor estadunidense a compor a oficina do Oulipo, com *The Sinking of the Odradek Stadium*. Ambas as obras não foram publicadas no Brasil e aparecem, portanto, na nossa tradução, acompanhadas de título original e traduzido (e, no caso de Queneau, igualmente do nome do autor). Vale mencionar que a alusão à obra de Mathews nos é particularmente interessante por dois motivos interligados: *The Sinking of the Odradek Stadium* foi escrita em um pidgin que visava emular a tradução pouco eficaz de uma língua ficcional, e Perec foi o tradutor para a língua francesa dessa obra. Mas é na figura de Conselho, personagem de *Vinte mil léguas submarinas* de Jules Verne, que Perec encontra a materialização do ato de *classificar*: Fiel assistente do professor Aronnax, Conselho é um catálogo humano de espécies terrestres e marítimas, mas seus conhecimentos sobre o mundo natural estão completamente ancorados na memorização. A classificação, portanto, está ausente de seu par *pensar*. Conselho apare-



ce na seção “E” de “Penser/Classer” com Ned Land, célebre arpoador, seu também companheiro em *Vinte mil léguas*. O que nos é importante, aqui, é a disposição desses dois homens em relação ao *pensar/classificar* de Perec: a renúncia ao pensar possui aí configurações distintas. Para Conselho, ela leva à elaboração de catálogos ainda científicos e razoáveis; para Ned Land, ao abandono do cientificismo e à escolha pelo palpável. Para as tradutoras, restou então a tarefa de fazer transparecer a astúcia fonética de Perec e desvelar os jogos entre *classer* e *chasser*, para os quais optaram por “classificar” e “capturar”, e entre *catalogue raisonné* e *arraisonner*, em que procuraram manter a proximidade fonética das expressões e o uso do vocabulário marítimo, ficando com *fichar* e *fisgar*:

Conseil établit le catalogue raisonné des poissons que Ned Land arraisonne.

Conselho ficha os peixes que Ned Land fisga com seu arpão.

Na intenção de entrar no jogo com tudo de que dispúnhamos, decidimos por não inserir notas de rodapé e resolver na própria fatura do texto a problemática desenvolvida por Perec, acreditando que o mais desejável seria provocar a experiência de uma leitura corpo a corpo, que prescindisse de explicações para avançar. Há, nesta decisão, o risco de propor uma tradução por demais traidora, mas a sensação/compreensão era de que, quanto mais entrávamos no jogo das palavras e de suas disposições na língua e entre as línguas, mais fiéis estávamos sendo ao seu autor.

A experiência de traduzir a quatro mãos insere o diálogo no centro de sua atividade. A conversa, o debate, a hesitação e a negociação viram metodologia de trabalho. A tradução contou, ainda, com a revisão qualificada de Paloma Roriz, contribuindo com mais um olhar – e um universo de onde buscar soluções – para um texto prismático, que nos convida a entrar no mundo das *palavras e das coisas* em permanente estado de desajuste, no desejo de ir além, permanecendo, ainda assim, em solo instável, desconfiando das hierarquias, da ordem discursiva e da sua tão suspeita exatidão.

Pensar/Classificar

D) Sumário

Sumário – Métodos – Perguntas – Exercícios de vocabulário – O mundo como quebra-cabeça – Utopias – Vinte mil léguas submarinas – Razão e pensamento – Os Esquimós – A Exposição Universal – O alfabeto – As classifi-



cações – As hierarquias – Como classifico – Borges e os Chineses – Sei Shônagon – As inefáveis alegrias da enumeração – O Livro dos recordes – Baixeza e inferioridade – O dicionário – Jean Tardieu – Como penso – Alguns aforismos – “Em uma rede de linhas entrecruzadas” – Diversos

A) Métodos

Nas diferentes etapas de elaboração deste trabalho – notas rabiscadas nas cadernetas ou sobre os papéis avulsos, citações transcritas, “ideias”, ver, cf., etc –, é certo que acumulei pequenas pilhas, pequeno b, GRANDE I, em terceiro lugar, segunda parte. Daí, quando se tratou de reunir esses elementos (e de fato era preciso reuni-los para que este “artigo” enfim cessasse de ser apenas um projeto vago sistematicamente adiado a amanhã menos agitados), logo ficou claro que eu não conseguiria nunca os organizar em forma de discurso.

É um pouco como se as imagens e ideias que me vieram à mente – por mais brilhantes e promissoras que tenham podido parecer à primeira vista, uma a uma, ou mesmo opostas duas a duas – tivessem se distribuído de imediato sobre o espaço imaginário de minhas folhas de papel ainda não manchadas de tinta, à maneira de círculos (ou cruces) que um medíocre jogador de jogo da velha disporia em seu tabuleiro sem nunca conseguir reunir três em uma linha reta.

Essa deficiência discursiva não se deve apenas à minha preguiça (nem à minha inabilidade no jogo da velha); ela é, antes de tudo, ligada ao que tentei precisamente delimitar, senão mesmo apreender, dentro do tema que me foi aqui proposto. Como se a interrogação desencadeada por esse “PENSAR/CLASSIFICAR?” tivesse posto em questão o próprio pensável e o classificável de uma maneira que meu “pensamento” só pudesse ser pensado se esfarelado, se dispersando, retornando incessantemente à fragmentação que ele pretendia querer colocar em ordem.

O que aflorava pertencia inteiramente ao domínio do impreciso, do incerto, do fugaz, do inacabado, e por fim escolhi conservar deliberadamente o caráter hesitante e perplexo desses fragmentos disformes, renunciando à suposição de poder organizá-los em qualquer coisa que teria tido, por direito, a aparência (e a sedução) de um artigo, com começo, meio e fim.



Talvez seja isso responder à pergunta que me foi feita antes que eu a fizesse. Talvez seja evitar fazê-la para não ter que responder a ela. Talvez seja usar e abusar dessa velha figura retórica a que chamamos um *pretexto* em que, em vez de enfrentar o problema a ser resolvido, nos contentamos em responder às perguntas com outras perguntas, nos refugiando a cada vez atrás de uma incompetência mais ou menos dissimulada.

Talvez também seja designar a pergunta como justamente sem resposta, quer dizer, devolver o pensamento ao impensado que a fundamenta, o classificado ao inclassificável (o inominável, o indizível) que ele tanto se empenha em dissimular.

N) Perguntas

Pensar/classificar

O que significa a barra oblíqua?

O que me está sendo exatamente questionado? Se eu penso antes de classificar? Se eu classifico antes de pensar? Como classifico o que penso? Como penso quando quero classificar?

S) Exercícios de vocabulário

Como poderíamos classificar os seguintes verbos: agrupar, arrumar, catalogar, classificar, dividir, elencar, enumerar, estruturar, hierarquizar, listar, ordenar, organizar, reagrupar, repartir?

Aqui eles estão organizados em ordem alfabética.

Esses verbos não podem ser todos sinônimos; por que precisaríamos de quatorze palavras para descrever uma mesma ação? São, portanto, diferentes. Mas como diferenciá-los entre si? Alguns se opõem por si mesmos ainda que se refiram a uma preocupação idêntica, por exemplo, dividir, que evoca a ideia de um todo a ser repartido em elementos distintos, e reagrupar, que evoca a ideia de elementos distintos a serem reunidos em um todo.

Outros insinuam novos verbos (por exemplo: subdividir, distribuir, discriminar, caracterizar, marcar, definir, distinguir, opor etc), remetendo-nos a este balbucio inicial em que se enuncia penosamente o que podemos nomear de o legível (o que nossa atividade mental pode ler, apreender, compreender).



U) O mundo como quebra-cabeça

Dividimos as plantas em árvores, flores e legumes.
Stephen Leacock

É realmente tentador querer distribuir o mundo inteiro segundo um único código; uma lei universal regeria o conjunto dos fenômenos: dois hemisférios, cinco continentes, masculino e feminino, animal e vegetal, singular plural, direita esquerda, quatro estações, cinco sentidos, cinco vogais, sete dias, doze meses, vinte e seis letras.

Infelizmente, isso não funciona, nem nunca chegou a funcionar, e não funcionará jamais.

O que não impede de continuarmos ainda por muito tempo a categorizar este ou aquele animal segundo um número ímpar de dedos ou chifres ociosos.

R) Utopias

Todas as utopias são deprimentes, porque elas não deixam espaço ao acaso, à diferença, ao “diverso”. Tudo foi posto em ordem e a ordem reina.

Por trás de toda utopia, existe sempre um grande desígnio taxonômico: um lugar para todas as coisas e todas as coisas em seu lugar.

E) Vinte mil léguas submarinas

Conselho sabe CLASSIFICAR os peixes.

Ned Land sabe CAPTURAR os peixes.

Conselho ficha os peixes que Ned Land fiska com seu arpão.

L) Razão e pensamento

Qual relação existe, de fato, entre a razão e o pensamento (independentemente do fato de já terem sido títulos de duas revistas filosóficas)? Os dicionários não nos ajudam muito a responder: por exemplo, no *Petit Robert*, pensamento = tudo o que afeta a consciência, e razão = a faculdade pensante; seria mais fácil, parece-me, encontrarmos uma relação ou uma diferença entre os dois termos se estudássemos os adjetivos com os quais eles podem se adornar: um pensamento pode ser comovido, profundo, banal



ou livre; a razão pode ser profunda também, mas igualmente social, pura, suprema, inversa, do Estado ou do mais forte.

I) Os Esquimós

Os esquimós, disseram-me, não possuem um nome *genérico* para designar a neve; eles possuem várias palavras (esqueci o número exato, mas acho que são muitas, algo como uma dezena) para designar especificamente os diversos aspectos que a água adquire entre seu estado efetivamente líquido e as várias manifestações de seu mais ou menos intenso congelamento.

É difícil, claro, encontrar um exemplo equivalente em francês; pode ser que os esquimós tenham apenas uma palavra para designar o espaço que separa seus iglus enquanto nós temos pelo menos sete em nossas cidades (rua [*rue*], avenida [*avenue*], bulevar [*boulevard*], praça [*place*], pátio [*cours*], rua sem saída [*impasse*], beco [*venelle*]) e os ingleses pelo menos vinte (street, avenue, crescent, place, road, row, lane, mews, gardens, terrace, yard, square, circus, grove, court, greens, houses, gate, ground, way, drive, walk), mas nós temos um substantivo (“artéria”, por exemplo) que as engloba todas. Da mesma maneira, se falarmos a um confeitoiro sobre os pontos do açúcar, ele nos responderá simplesmente que só nos compreenderia se determinássemos o grau de cozimento desejado (fio, quebrado, enrolado), mas, para ele, o conceito de “ponto do açúcar” já está definido.

G) A Exposição Universal

Os objetos expostos durante a grande Exposição Universal de 1900 foram repartidos em 18 grupos e 121 classes. “É preciso”, escrevia M. Picard, comissário-geral da Exposição, “que os produtos se apresentem aos visitantes em uma ordem lógica, que a classificação responda a uma concepção simples, clara e precisa, que ela carregue em si mesma sua filosofia e sua justificativa, que a ideia-chave dali emergja sem dificuldade”.

A uma leitura do programa estabelecido por M. Picard, é logo perceptível que essa ideia-chave é uma ideia rasa.

Uma metáfora banal justifica o primeiro lugar atribuído à Educação e ao Ensino: “É por aí que o homem *entra* na vida.” As Obras de Arte vêm em seguida porque é preciso lhes conservar “o seu lugar de honra”. “Motivos da mesma ordem” fazem com que os “Instrumentos e Procedimentos gerais das Letras e das Artes” ocupem o terceiro lugar. Encontramos, eu me per-



gunto o porquê, na 16ª colocação, a Medicina e a Cirurgia (camisas de força dos loucos, camas de enfermaria, muletas e próteses de madeira, malas de médicos militares, materiais de primeiros-socorros da Cruz Vermelha, aparelhos de socorro para afogados e asfixiados, aparelhos de borracha da casa Bognier e Burnet etc).

Do 4º ao 14º grupo, as categorias se sucedem sem revelar nenhuma ideia clara de sistema. Podemos ainda ver muito bem como se ordenam os grupos 4, 5 e 6 (Mecânica, Eletricidade, Engenharia civil e Meios de transporte) e os grupos 7, 8 e 9 (Agricultura, Horticultura e arboricultura; Florestas, caça e pesca), mas a partir daí seguem-se de fato sem qualquer rumo:

Grupo 10: Alimentos

Grupo 11: Minas e metalurgia

Grupo 12: Decoração e Mobiliário dos edifícios públicos e das habitações

Grupo 13: Fios, tecidos e roupas

Grupo 14: Indústria química

O grupo 15 é, como deve ser, dedicado a tudo aquilo que não encontrou lugar nos outros quatorze, ou seja, às “Indústrias diversas” (papelaria, cutelaria, ourivesaria, joalheria e bijuteria, relojoaria, bronze, fundição, seralheria artística, latonagem, fabricação de escovas, marroquim, artigos em madeira e cestaria, borracha e guta-percha, quinquilharia).

O 16º grupo (Economia social, juntamente com Higiene e Assistência pública) está ali porque ela (a economia social) “devia dar *naturalmente* (grifo meu) sequência a diversos ramos da produção artística, agrícola ou industrial [uma vez que] ela é simultaneamente a resultante e a sua filosofia”.

O 17º grupo é dedicado à “Colonização”; trata-se de um grupo novo (quando comparado à Exposição de 1889) cuja “criação é amplamente justificada pela necessidade da expansão colonial vivenciada por todos os povos civilizados”.

Finalmente, o último lugar é ocupado simplesmente pelo exército e pela marinha.

A divisão dos produtos no interior desses grupos e em suas classes reserva inúmeras surpresas sobre as quais é impossível aqui entrar em detalhes.

T) O alfabeto

Muitas vezes eu me perguntei que lógica havia presidido a distribuição das cinco vogais e das vinte e uma consoantes de nosso alfabeto: por que primeiro A e depois B e em seguida C etc?



A impossibilidade evidente de qualquer resposta tem, de início, algo de reconfortante: a ordem alfabética é arbitrária, inexpressiva, portanto, neutra: objetivamente A não vale mais do que B, o ABC não é um sinal de excelência, mas somente de começo (o ABC de uma profissão).

Mas, sem dúvida, basta que haja uma ordem para que insidiosamente a posição dos elementos em uma série assuma, mais cedo ou mais tarde e mais ou menos, um coeficiente qualitativo: assim um filme “B” será sempre considerado como “menos bom” que outro filme que, aliás, nem teríamos sonhado chamar de filme “A”; assim, um fabricante de cigarros que imprime em seus maços “Classe A” quer dar a entender que seus cigarros são superiores aos outros.

O código qualitativo alfabético não é muito extenso, na verdade, ele tem somente três elementos:

- A = excelente
- B = menos bom
- Z = irrelevante (um filme “Z”)

Mas isso não o impede de ser um código e de sobrepor todo um sistema hierárquico a uma série, por definição, inerte.

Por motivos bastante distintos, mas, ainda assim, próximos a nossa proposta, notaremos que várias empresas se esforçam, em suas razões sociais, para obter siglas do tipo “AAA”, “ABC”, “AAAC” etc, de modo a aparecer em primeiro lugar nos anuários e diretórios profissionais.

Em compensação, um estudante do ensino médio terá todo o interesse em ter um nome cuja inicial se situe no meio do alfabeto: ele terá um pouco mais de chance de não ser interpelado.

C) As classificações

Existe uma vertigem taxonômica. Eu a experimento toda vez que meus olhos recaem sobre um índice da Classificação Decimal Universal (CDU). Por qual sucessão de milagres chegamos, praticamente no mundo inteiro, a concordar que:

668.184.2.099

designaria o acabamento do sabonete

629.1.018-465



as sirenes para veículos sanitários, enquanto:

621.3.027.23
621.436:382
616.24-002.5-084
796.54
913.15

designavam respectivamente: as tensões que não ultrapassam 50 volts, o comércio exterior dos motores Diesel; a profilaxia da tuberculose, o acampamento e a geografia antiga da China e do Japão!

O) As hierarquias

Existem as roupas de baixo, as roupas e as sobrecasacas sem que haja aí uma ideia de hierarquia. Mas, se existem chefes e subchefes, subordinados e subalternos, praticamente não existem sobre-chefes ou superchefes; o único exemplo que constatei é “superintendente”, que é uma denominação antiga no francês; de maneira ainda mais significativa, existem, no corpo administrativo governamental, acima dos subprefeitos, os prefeitos e acima dos prefeitos não os sobreprefeitos nem super-prefeitos, mas, qualificados por um acrônimo bárbaro aparentemente escolhido para assinalar que eles são grandes figurões, os “IGAMES” (Inspetor geral da administração em missão extraordinária).

Às vezes o subordinado persiste mesmo se quem ordena mudou de nome; na carreira dos bibliotecários, não há mais propriamente bibliotecários; chamamo-los de conservadores e os classificamos em classes ou em chefes (conservadores de segunda classe, de primeira classe, de classe excepcional ou conservador-chefe); por outro lado, nos cargos mais baixos, continuamos a empregar sub-bibliotecários).

P) Como eu classifico

Meu problema com as classificações é que elas não duram; mal termino de dar ordem às coisas e esta ordem já está caduca.

Como todo mundo, suponho, sou tomado às vezes por um furor de organização; a profusão das coisas a organizar, a quase-impossibilidade de distribuí-las segundo critérios verdadeiramente satisfatórios fazem com que eu não consiga jamais chegar ao fim, que eu me detenha em arranjos provisórios e vagos, dificilmente mais eficazes que a anarquia inicial.



O resultado de tudo isso leva a categorias deveras estranhas; por exemplo, uma pasta cheia de papéis diversos e sobre a qual está escrito “CLASSIFICAR”; ou uma gaveta etiquetada “URGENTE 1” sem nada dentro (na gaveta “URGENTE 2” tem algumas velhas fotografias, na gaveta “URGENTE 3” alguns cadernos novos).

Enfim, dou um jeito.

F) Borges e os chineses

“A) pertencentes ao Imperador, B) embalsamados, C) domesticados, D) leitões, E) sereias, F) fabulosos, G) cães em liberdade, H) incluídos na presente classificação, I) que se agitam como loucos, J) inumeráveis, K) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo, L) et cetera, M) que acabaram de quebrar a jarra, N) que de longe parecem moscas.”

Michel Foucault popularizou ao extremo esta “classificação” de animais que, em *Outras inquisições*, Jorge Luis Borges atribui a uma certa enciclopédia chinesa que um tal Doutor Franz Kuhn teria tido em mãos. A profusão de intermediários e o conhecido gosto de Borges por erudições ambíguas permitem questionar se esse ecletismo um tanto quanto de fato espantoso não é antes de tudo um efeito da arte. Meras extrações de textos administrativos, tudo o que pode haver de mais oficial, bastariam para produzir uma enumeração quase tão rocambolesca quanto:

A) animais com os quais fazemos apostas, B) animais cuja caça é proibida de 1º de abril a 15 de setembro, C) baleias encalhadas, D) animais cuja entrada em território nacional está sujeita a quarentena, E) animais em copropriedade, F) animais empalhados, G) et cetera (Esse “etc.” não é surpreendente em si; é apenas o seu lugar na lista que o torna curioso.), H) animais suscetíveis de transmitir lepra, I) cães-guia, J) animais beneficiários de importantes heranças, K) animais que podem ser transportados na cabine, L) cães perdidos sem coleira, M) asnos, N) éguas supostamente prenhes.

H) Sei Shônagon

Sei Shônagon [*O livro do travesseiro*] não classifica; ela enumera e recomeça. Um tema provoca uma lista, declarações simples ou anedotas. Mais adiante, um tema quase idêntico produzirá uma outra lista e assim sucessivamente. Desta maneira chegamos a séries que podem ser reagrupadas; por exemplo, “coisas” que comovem (coisas que fazem o coração bater, coisas



que às vezes ouvimos com mais emoção do que o habitual, coisas que nos comovem profundamente). Ou então, na série de “coisas” desagradáveis:

Coisas desoladoras
Coisas detestáveis
Coisas aborrecidas
Coisas vergonhosas
Coisas penosas
Coisas que encham de angústia
Coisas que parecem aflitivas
Coisas desagradáveis
Coisas desagradáveis aos olhos

Um cachorro que late durante o dia, uma sala de parto onde o bebê morreu, um braseiro sem fogo, um carreiro que maldiz o seu gado, são algumas das coisas desoladoras; entre as coisas detestáveis, encontramos: um bebê que chora no exato momento em que você quer ouvir alguma coisa, corvos que se aglomeram e grasnam quando se cruzam no céu, e cachorros que uivam por muito muito tempo, em unísono, em tom crescente; das coisas que parecem aflitivas: a ama de leite de um bebê que chora à noite. Das coisas desagradáveis aos olhos: a carruagem de um alto dignitário, cujas cortinas internas parecem sujas.

V) As alegrias inefáveis da enumeração

Há em toda enumeração duas tentações contraditórias; a primeira é inventariar TUDO, a segunda é ainda assim esquecer alguma coisa. A primeira gostaria de encerrar definitivamente a questão; a segunda, deixá-la em aberto; entre o exaustivo e o inacabado, a enumeração parece-me assim ser, antes de qualquer pensamento (e antes de qualquer classificação), a própria marca dessa necessidade de nomear e de reunir sem a qual o mundo (“vida”) ficaria, para nós, sem referências: há coisas diferentes que, no entanto, são um pouco parecidas; podem ser reunidas em séries dentro das quais será possível distingui-las.

Há na ideia de que nada no mundo é único o bastante para não caber em uma lista algo ao mesmo tempo de empolgante e aterrorizante. Podemos inventariar tudo: as edições de Tasso; as ilhas da costa atlântica; os ingredientes necessários para fazer uma torta de pera; as grandes relíquias; no francês, os substantivos masculinos cujo plural é feminino (*amours, délices, orgues*); os finalistas de Wimbledon, ou então, arbitrariamente, limitados aqui a dez:



1) os patronímicos do cunhado de Bru em *O domingo da vida (Le dimanche de la vie)*

Bolucra
Bulocra
Brelugat
Brolugat
Botugat
Bodrugá
Broduga
Bretoga
Butaga
Brétaga

2) os topônimos dos arredores da comuna de Palaiseau:

Les Glaises
Le Pré-Poulin
La Fosse-aux-Prêtres
Les Trois-Arpens
Les Joncherettes
Les Clos
Le Parc-d'Ardenay
La Georgerie
Les Sablons
Les Plantes

3) as dores do Sr. Zachary McCaltex de *O naufrágio do estádio Odradek (Sinking of the Odradek Stadium)*:

Zonzo pelo perfume de 6.000 dúzias de rosas
Pé ferido por uma lata de conserva
Metade devorado por um gato feroz
Para-amnésia pós-alcoólica
Sono incontrolável
Quase atropelado por um caminhão
Vomita a refeição
Terçol de cinco meses
Insônia
Alopecia



M) O Livro dos Recordes

As listas precedentes não são ordenadas, nem alfabeticamente, nem cronologicamente, nem logicamente; o azar quis que a maior parte das listas de hoje em dia fosse de vitoriosos: os únicos que existem são os primeiros. Já faz muito tempo que livros, discos, filmes, programas de televisão são considerados apenas segundo seu lugar nas bilheterias (ou nas paradas de sucesso). Recentemente, a revista *Lire* chegou até mesmo a “classificar o pensamento”, decidindo, por referendo, quais eram os intelectuais que hoje exercem maior influência.

Mas se vamos listar recordes, melhor é procurá-los em áreas um pouco mais excêntricas (em relação ao assunto aqui tratado): o Sr. David Maund possui 6.506 garrafas em miniatura; o Sr. Robert Kaufman, 7.495 tipos de cigarros; O Sr. Ronald Rose estourou uma rolha de champanhe a 31 metros de distância; o Sr. Isao Tsychiya barbeou 233 pessoas em uma hora e o Sr. Walter Cavanagh possui 1.003 cartões de crédito válidos.

X) Baixeza e inferioridade

Em virtude de que complexo o Sena e o Carântono foram intimados a se tornar “marítimos” para não mais serem “inferiores”? Da mesma forma, os “baixos” Pirineus se tornaram “atlânticos”, os “baixos” Alpes se tornaram “Alta Provença”, e o “baixo” Loire se tornou “atlântico”. Em compensação, e por alguma razão que me escapa, o “baixo” Reno nunca ficou ofendido pela proximidade do “alto” Reno.

Deve-se notar igualmente que os rios Marne, Savoie e Vienne nunca se sentiram humilhados pela existência do Alto-Marne, do Alto-Savoie e do Alto-Vienne, o que deveria querer significar algo quanto ao papel do distinto e do não-distinto nas classificações e nas hierarquias.

Q) O dicionário

Possuo um dos mais curiosos dicionários do mundo: chama-se *Manual biográfico ou Dicionário histórico abreviado dos grandes homens desde os tempos mais remotos até os dias atuais*; data de 1825 e seu editor é ninguém menos que Roret, o editor dos famosos *Manuais*.

O dicionário está dividido em duas partes, totalizando 588 páginas. As primeiras 288 são dedicadas às 5 primeiras letras; a segunda parte (300 páginas) às outras 21 letras do alfabeto. As 5 primeiras letras têm direito



cada uma a uma média de 58 páginas; as últimas 21, a apenas 14. Sei bem que a frequência das letras está longe de ser uniforme (no *Larousse do século XX*, A, B, C e D sozinhos ocupam 2 de 6 volumes), mas aqui a distribuição é mesmo muito desequilibrada. Se a compararmos, por exemplo, com a da *Biographie universelle* de Lalanne (Paris, Dubochet, 1844), notamos que a letra C ocupa proporcionalmente três vezes mais espaço, o A e o E o dobro do espaço, mas, por outro lado, o M, o R, o S, o T e o V têm direito a cerca de duas vezes menos.

Seria interessante ver mais de perto como essa desigualdade influenciou os verbetes: foram eles reduzidos e, se o foram, como? Foram suprimidos, quais e por quê? A título de exemplo, Antêmio, arquiteto do século VI a quem devemos (parcialmente) a Santa Sofia, desfruta de um verbete de 31 linhas, enquanto Vitrúvio tem apenas seis; Ana Bolena também tem direito a 31 linhas, mas Henrique VIII apenas a 19.

B) Jean Tardieu

Foi inventado, na década de 1960, um dispositivo que permitia variar de maneira contínua a distância focal de uma lente cinematográfica, simulando assim (um tanto grosseiramente aliás) um efeito de movimento sem ter que de fato mover a câmera. Este dispositivo é chamado de “zoom”, e a expressão correspondente, “dar zoom”, embora ainda não seja aceita nos dicionários, muito rapidamente se impôs na profissão.

Nem sempre é o caso: por exemplo, na maioria dos veículos automotores existem três pedais, e para cada um deles um verbo específico: acelerar, embrear, frear; mas nenhum verbo (que eu saiba) corresponde à alavanca de câmbio; você tem que dizer “passar a marcha”, “passar a terceira”, etc. Da mesma forma, existe um verbo para laços (laçar), para botões (abotoar), mas não há um para zíperes, enquanto existe um em inglês americano (to zip).

Os americanos também têm um verbo que significa “viver nos subúrbios e trabalhar na cidade” (to commute), mas, não mais do que nós, eles não têm um que signifique “beber um copo de vinho branco com um colega da Borgonha, no café de Deux Magots, por volta das seis da tarde, em um dia chuvoso, falando sobre a falta de sentido do mundo, sabendo que você acabou de encontrar seu ex-professor de química e que ao seu lado está uma jovem dizendo para sua vizinha: ‘fiz ele passar por poucas e boas, sabe!’” (Jean Tardieu, “Pequenos problemas e trabalhos práticos”, em *Uma palavra por outra*, Paris, N.R.F., 1951).



J) Como eu penso

Como eu penso quando estou pensando? Como eu penso quando não estou pensando? Neste exato instante, como eu penso quando estou pensando em como penso quando estou pensando?

“Pensar/classificar”, por exemplo, me faz pensar em “passar/qualificar” ou mesmo em “pensão alimentar” ou ainda em “ponha-se em seu lugar”. É isso a que chamamos pensar?

Raramente penso no infinitamente pequeno ou no nariz de Cleópatra, nos buracos do queijo Gruyère ou nas fontes nietzschianas de Maurice Leblanc e Joe Shuster; é na verdade muito mais algo da ordem do rabisco, do lembrete, do lugar-comum.

Mas, ainda assim, como, “pensando” (refletindo?) sobre este trabalho (“PENSAR/CLASSIFICAR”), cheguei a “pensar” no jogo da velha, em Leacock, em Jules Verne, nos esquimós, na Exposição de 1900, nos nomes que as ruas têm em Londres, nos IGAMES, na Sei Shônagon, no *Domingo da vida* (Raymond Queneau), em Antêmio e no Vitrúvio? A resposta a estas perguntas é ora óbvia, ora totalmente obscura: seria preciso falar de tentativa e erro, de instinto, de suspeita, de acaso, de encontros fortuitos ou provocados ou fortuitamente provocados:

Meandros em meio às palavras; eu não penso mas eu procuro as minhas palavras: nesta pilha deve haver uma que vai definir esta flutuação, esta hesitação, esta agitação, que, mais tarde, “vai querer dizer alguma coisa”.

Trata-se também, e sobretudo, de uma questão de montagem, distorção, contorção, desvio, espelhamento, até de fórmula, como o parágrafo seguinte pretende demonstrar.

K) Aforismos

Marcel Bénabou (*Um aforismo pode esconder outro*, Bibliothèque Oulipienne, nº 13, 1980) concebeu uma máquina de fabricar aforismos. Ela é composta de duas partes: uma gramática e um vocabulário.

A gramática inventaria várias fórmulas comumente usadas na maioria dos aforismos; por exemplo:

A é o caminho mais curto de B a C

A é a continuação de B por outros meios

Um pouco de A nos afasta de B, muito nos aproxima

Pequenos As fazem os grandes Bs

Não haveria A se não fosse B



A felicidade está em A, não em B
A é uma doença para a qual B é a cura
Etc.

O vocabulário inventaria os pares (ou trios, ou quartetos) de palavras que podem ser sinônimos falsos (amor/amizade, fala/linguagem), antônimos (vida/morte, forma/fundo, memória/esquecimento), palavras foneticamente próximas (lei/rei, amor/humor), palavras agrupadas por uso (crime/castigo, foice/martelo, ciência/vida), etc.

A injeção de vocabulário na gramática produz *ad lib* quase-infinitudes de aforismos, cada um mais significativo que o outro. Um programa de computador, idealizado por Paul Braffort, já produz sob demanda uma boa dúzia em poucos segundos:

A memória é uma doença para a qual o esquecimento é a cura
A memória não seria memória se não fosse o esquecimento
O que vem pela memória, se vai pelo esquecimento
Pequenos esquecimentos fazem grandes memórias
A memória acentua nossas tristezas, o esquecimento nossos prazeres
A memória livra do esquecimento, mas quem nos livrará da memória?
A felicidade está no esquecimento, não na memória
A felicidade está na memória, não no esquecimento
Um pouco de esquecimento afasta a memória, muito a aproxima
O esquecimento une as pessoas, a memória as separa
A memória engana mais frequentemente do que o esquecimento
Etc.

Onde está o *pensamento*? Na fórmula? No vocabulário? Na operação que os casa?

W) "Numa rede de linhas que se entrecruzam"

O alfabeto usado para "enumerar" os diferentes parágrafos deste texto respeita a ordem de aparição das letras do alfabeto da tradução francesa do 7º capítulo de *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino.

O título desta narrativa, "Dans un réseau de lignes entrecroisées" ["Numa rede de linhas que se entrecruzam"], contém este alfabeto até a sua décima terceira letra, O. A primeira linha do texto permite ir até a 18ª letra, M, a 2ª dá o X, a 3ª o Q, a 4ª nada, a 5ª o B e o J; as quatro últimas letras, K, W, Y, Z, se encontram respectivamente nas linhas 12, 26, 32 e 41 do conto.



Disso deduzimos facilmente que este conto (a menos em sua tradução francesa) não é lipogramático; também será notado que três letras do alfabeto assim formado estão no mesmo lugar que no alfabeto chamado normal (I, Y e Z).

Y) Diversos

Classificação das interjeições de acordo com um (muito medíocre) dicionário de palavras cruzadas (trechos):

Admiração: Oh
Raiva: Diabos
Desprezo: Credo
Usado por um carroceiro para ir em frente: Upa
Exprimindo o som de um corpo caindo: Ploct
Exprimindo o som de um golpe: Tum
Exprimindo o som de algo: Cric, crac
Exprimindo o som de uma queda: Paf
Exprimindo o grito das bacantes: Evoé
Para animar seus cães de caça: Eia
Exprimindo uma esperança frustrada: Francamente
Exprimindo um palavrão: Ferrou!
Exprimindo um palavrão espanhol: Caramba
Exprimindo um palavrão familiar a Henrique IV: *Ventre-saint-gris*
Exprimindo um palavrão expressando aprovação: Porra!
Que é usado para enxotar alguém: Xô

Penser/Classer, Georges Perec © Editions du Seuil, 2003

Referências

- ESPAGNE, M. La notion de transfert culturel. **Revue Sciences / Lettres**, nº 1, 2013.
- MONTEL-HURLIN, E. (org.). *Écritures et Pratiques de la Traduction*. Neuville-sur-Saône: Chemins de tr@verse, 2015.
- PEREC, G. **Pensar/classificar**. Tradução de Carlos Gardini. Barcelona: Editorial Gedisa, 1986.
- PEREC, G. **Species of Spaces and Other pieces**. Tradução de John Sturrock. Londres: Penguin Books, 1999.
- PEREC, G. **O sumiço**. Tradução de Zéfere. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

